

## **Espartilho: das amarras do século XVI ao fetichismo.**

Caroline Roberta Vial Serrão (Bacharelado em Moda, UNAMA)

Msc. Fernando Hage Soares (Orientador)

### **Resumo**

O presente trabalho aborda o espartilho e questões como origem, evolução e fetiche. O fascínio sempre fora algo que manteve o espartilho como uma das grandes peças da indumentária feminina, desde o século XVI aos dias atuais.

**Palavras chave:** Espartilho, fetiche e simbologia.

### **Abstract**

The fascination was always something that kept the corset as one of the great pieces of women's clothing, from the sixteenth century to the present day. This work addresses issues such as the corset and origin, evolution and fetish, showing examples explored in fashion history.

**Key words:** corset, fetish and symbology.

### **Introdução**

O espartilho é sem dúvida uma das peças mais intrigantes da história da indumentária, seja por sua forma rígida ou por seu significado ela é usada desde o século XVI até os dias atuais, mantendo o seu aspecto composto por barbatanas demarcando firmemente a silhueta, deixando a mulher feminina e sensual. A partir de referenciais teóricos dos autores Köhler, Hollander e Laver, serão abordados a origem, evolução e fetiche, assuntos envoltos destas “amarras” desde o século XVI.

#### **1. Século XVI: O surgimento do espartilho.**

As roupas a princípio eram grandes demarcadores sociais/políticos, durante séculos tornaram-se peças com poucas modificações, com a chegada do século XVI e a expansão do Renascimento, o mundo europeu transigiu de uma mentalidade feudal para uma organização de Estado Absolutista, com o qual trouxe o desenvolvimento de áreas como política, economia, ciência e arte.

Estas foram influências diretas no vestuário feminino e masculino do período, assim como a grande potência Espanha. A mesma não apenas se destacou pela expansão marítima ou por sua organização rígida social, por meio de seu

monarca Carlos I e sua rígida etiqueta de corte, mas também transformou e reformulou a moda europeia. As roupas apresentavam novos cortes e tornaram-se cada vez mais justas nos corpos, mas em meio aos bordados e volumes, o corpete estruturado passou a ser peça fundamental no vestuário feminino, com a inserção de rígidas barbatanas o até então corpete passa a ser denominado de espartilho.

Quanto ao surgimento desta peça, o mesmo já era utilizado como roupa de baixo no vestuário feminino na função de dar sustentação e proteção ao busto durante os séculos antecedentes ao XVI, no formato de corpete. A silhueta espartilhada apenas ganhou forma durante o início do século XVI com a expansão das ideias renascentistas e entre eles o culto ao corpo, segundo Laver foi rapidamente absorvido como um novo padrão de beleza o que resultou em severas e imponentes modificações no até então mortificado vestuário do período feudal. O desenvolvimento de novos cortes, volumes, bordados e trajes ajustados ao corpo foram características marcantes da corte do monarca espanhol Carlos I e suas rígidas regras de etiqueta.

Neste período marcado pelo advento das artes, ciências, política e economia a Espanha conquistava e ampliava seu poder na Europa o que resultou em sua influência em países como a Itália, Inglaterra e França. A partir desta nova e rigorosa etiqueta, as roupas tornaram-se peças que delineavam a silhueta de forma bem estruturada e com o auxílio de enchimento, o então corpete de forma curta passou a ser uma peça alongada até a altura dos quadris e sua estrutura passou a ser inserida nas roupas superiores femininas ou masculinas.

A mulher espanhola influenciou de maneira incomum a forma de vestir, pois agora a silhueta esguia milimetricamente definida pelo uso excessivo do espartilho era sinal máximo de feminidade, assim como a cintura o busto também fora ressaltado pelo o uso desta peça. Grandes monarcas foram propagadores deste tipo de peça que também possuía a sua versão para o uso masculino, estes foram Henrique VIII, Catarina de Médici, Elizabeth I e Catarina, a grande.

Catarina de Médici fora uma das mais célebres monarcas espanhola, mas sua força política deu-se também por conta de suas roupas e ornamentos, estes cumpriam o papel de emoldurar a rainha de personalidade forte. Assim como Catarina de Médici, Henrique VIII e sua filha Elizabeth I foram grandes símbolos de suas respectivas nações com o auxílio de suas roupas imponentes.



Imagem 01:À esquerda, Isabel de Portugal, pintura a óleo sobre tela. TIZIANO, Vecellio; À direita, Carlos I/V, pintura a óleo sobre tela. TIZIANO, Vecellio.

Fonte: <http://www.wga.hu/index1.html>

## 2. Evolução do Espartilho

Desde sua criação até os tempos atuais, o espartilho tivera diversas formas e modos de uso, a fascinante peça de rigorosas amarras manteve-se presente durante vários séculos em uso, mesmo quando surgiam modas que sugeriam ou dispensavam o uso da peça. Os primeiros espartilhos de origem espanhola de 1570 caracterizavam-se por sua forma longa, estruturada e com enchimentos mantendo a estrutura do corpete, que segundo Köhler *“continuou sendo decotado. Era mais comprido, sobretudo na frente, e tinha um enchimento que o tornava mais firme e evitava a formação de dobras. Esse enchimento ocultava totalmente o busto, sem, contudo comprimi-lo.”* (KÖHLER, 2005, p.278).

Por outro lado o corpete assemelhava-se cada vez mais ao Espartilho, pois se tornara uma peça longa e com auxílio de pregas e pinças, ajustando-se perfeitamente as linhas do corpo. Além de ser uma peça mais ajustável aos corpos, o corpete possuía novas formas: o corpete de decote alto que cobria até a altura do busto e sutilmente acolchoados para que evitar-se a formação de rugas. O corpete de decote baixo caracterizava-se pela forma que era cortado que permitia total

encaixe entre a parte da frente e costas da peça com um único ligamento no ombro, além de pregas em partes excessivamente largas, permitindo maior delineamento da silhueta.

Esta nova peça modificou a maneira de vestir da mulher na Idade Média, pois a partir de novas regras de etiqueta tanto sua postura dentro da sociedade como seu vestuário deveria transmitir este sistema rígido implantado pelos espanhóis e expandiu-se rapidamente por toda Europa, que adotaram esta rigidez em ornamentos e vestes, exemplos estes Henrique VII e a Elizabeth I.

Durante a segunda metade do século XVII, o espartilho ressurgiu com um decote mais baixo, frente pontiaguda e com a cintura firmemente marcada como a peça original espanhola de 1570, mas este por sua vez era de duplo revestimento em tecido, assim como o duplo conjunto de cordões localizados na parte frontal e costas da peça, consistia na finalidade de regulação da peça no corpo, sua eficácia substituiu o uso do corpete como peça íntima, pois o espartilho além de definir a silhueta, cumpria com êxito a função de proteção dos seios.

No século XVIII, os espartilhos permaneceram praticamente inalterados em relação aos anteriores, a mudança desta peça deu-se por conta de seus cordões para o fechamento do mesmo, que se localizava apenas na parte de trás do *corset*. A mudança deu-se por conta do novo modelo inglês que possuía apenas as amarras nas costas, diferentemente do anterior de duplo conjunto de cordões (parte frontal e costas). Assim como o modelo com cordões nas costas (Inglês), havia também o modelo francês que possuía cordões localizados apenas na parte frontal da peça, foi utilizado no lugar do corpete e seu acabamento era de revestimento de belos tecidos.

O que lhe caracterizava de forma marcante era a distribuição de suas barbatanas de quatro a seis centímetros que estruturavam a peça, pois davam a volta no corpo e chegavam até a altura do busto. A parte de cima da peça mantinha-se de forma convexa por possui um firme arame, além do aumento da rigidez por conta da parte central da frente quetinha uma barra que era duplamente reforçada por barbatanas longitudinais e transversais, que projetavam uma das extremidades..

Durante o século XIX, o espartilho tornou-se uma peça praticamente abolida da indumentária, pois durante o período de revolução que sucederam com o fim do reinado de Maria Antoniete e Luís XVI (França). A Europa passava por um período

de grandes transformações no campo ideológico e político, fatores que influenciaram diretamente nos trajes antes marcados por excessos e luxo, a simplicidade era uma característica marcante da moda império, em que a cintura antes amplamente marcada deu lugar a uma silhueta delicada e fluida, algo que perdurou por pouco tempo, pois ao poucos a cintura voltava ao lugar e conseqüentemente espartilhadas.

Durante o 1822 a silhueta feminina mostrou-se cada vez mais marcada pelo espartilho, este passou a ser peça indispensável no vestuário da mulher vitoriana, período em que a silhueta feminina possuía a cintura extremamente marcada pelo uso dos espartilhos. Estes por sua vez tornaram-se mais rigorosos, tornando a silhueta vespa padrão de beleza da época.

O uso do espartilho era fundamental para a formação da mulher, o que o tornava de início de seu uso precoce, ainda na infância.

O espartilho voltou a ser parte essencial do guarda roupa feminino, mesmo para menina. Um anúncio da época aconselha as mães a deitarem suas filhas de bruços no chão para que possam colocar um pé nas pequenas costas a fim de puxar os cordões de maneira necessária. (LAVÉ, 2006, p.162).

Na qual ainda menina, a futura dama da sociedade era submetida à compressão da cintura e a pressão nos seios, que dependendo da amarração os projetava para cima o que tornava uma silhueta harmoniosa, tendo em vista o padrão renascentista. Para obter a forma desejada a amarração deveria ser executada de baixo para cima.

Segundo informações do site oficial do Museum of London, a propagação da peça na Inglaterra deu-se por meio da designer, criadora e escritora britânica Roxey Ann Caplin. Madame Caplin tornou-se um nome importante no vestuário Inglês e Europeu em 1839, quando iniciou seus serviços como corsetière. Aperfeiçoou o Espartilho introduzindo técnicas de bordados, cortes e cores, fazendo dele mais do que uma peça íntima, uma verdadeira obra de arte. O que lhe projetou foi a grande exposição universal em 1851, na qual apresentou seus inovadores espartilhos e foi reconhecida com uma medalha de “designer, fabricante e produtor”. (MUSEUM OF LONDON, <http://www.museumoflondonprints.com/image/140578/roxy-anne-caplin-blue-ribbed-silk-corset-19th-century> ).

Apesar da cintura espartilhada ser a sensação entre as mulheres, em 1831 na Inglaterra intelectuais criticavam a moda e a estética marcada por excessos,

classificando-a como não saudável e deformadora. Os protestos surtiram efeito desejado, à medida que mulheres deixavam de lado o uso da peça e de excessivos volumes que às impendiam de ter uma vida mais ativa, algo que perdurou por pouco tempo, pois logo voltariam à usar o espartilho no período Eduardiano ou Belle époque na França.

A silhueta em S era o novo padrão a ser seguido, o que era obtido pelo uso dos “espartilhos saudáveis” que evitava a pressão sobre o abdômen, o que tornava uma silhueta ereta com o busto impulsionado para frente e os quadris para trás formando um S, algo que mais uma vez era influenciado por uma sociedade que se moldava conforme as vontades de seu soberano, e esta silhueta por sua vez também era originária do gosto peculiar de Eduardo VII, que segundo Laver, preferia “mulheres maduras, frias, dominadoras e com o busto pesado” (LAVÉR, 2006, p.213).

Em 1910, o espartilho deixou de ser novamente uma peça fundamental no vestuário feminino e a silhueta não possuía mais a característica de cintura marcada e forma em S. As mulheres de classe média passaram a ingressar no mercado de trabalho e, portanto necessitavam de roupas que atendessem essa nova rotina. Esta mudança abrupta no universo feminino deu-se também por conta de Paul Poiret e seu Orientalismo, que rapidamente ganhou destaque na sociedade e por sua vez banuiu o uso dos rígidos espartilhos, dando espaço aos suaves drapeados de suas criações.

O espartilho fora deixado de lado pela moda por um longo período, mas o mesmo retornou com a ascensão do New Look de Christian Dior, em 1947, com características da moda do século XIX, que continham cinturas apertadas, grandes chapéus e saias amplas, com estas referências em suas criações ganham espaço no guarda-roupa feminino com o Tailleur “Bar” e conseqüentemente o espartilho cumpria mais uma vez a sua função para com esta nova silhueta que exigia uma cintura ao estilo vespa. Apesar de seus altos e baixos na moda o espartilho nunca deixou de ser um símbolo máximo de feminilidade e elegância, seja no século XVI ou em 1940 o fascínio e o fetiche permaneceram imutáveis.



Imagem02: Espartilho Espanhol( Séc.XVI ); Espartilho Inglês( Séc. XVII, XVIII e XIX ) ;  
Tailleur “Bar” (1947).

Fonte: <http://www.metmuseum.org/collections/search-the-collections?ft=corset+1600&rpp=60&pg=7>

### 3. Simbologia, dominação e fetichismo.

Segundo Hollander, o espartilho é uma das peças que transmite o efeito de domínio, poder e sedução. A mulher sempre foi um ser envolto dos desejos masculinos e para tal suas roupas moldaram-se conforme estes desejos e o espartilho não fugiu a regra. Com função de delinear o corpo feminino para torna-lo mais atraente e conforme as regras de vestimenta, ele foi uma peça fundamental no vestuário das monarcas Elizabeth I(Inglaterra), Catarina de Médici(Itália) e Catarina, a Grande (Rússia).

Estas foram sem dúvidas célebres governantes seja por meio de sua atuação ou por conta de seus vestuários marcantes, que demonstravam suas personalidades fortes e centralizadas à frente ao poder. Ao analisarmos suas relações especificamente com o espartilho, ele fazia parte de um conjunto de peças que reforçavam as suas imagens de chefes de estado, causando também um efeito de força sexual feminina, independentemente dos apertados ilhoses ou da rigidez das barbatanas a sensação de bem estar e poder era o essencial para torna-las superiores em um mundo dominado por homens.

Segundo Hollander, há também a relação estética para com a peça, no caso das monarcas Catarina de Médici e Catarina, a Grande que ao final de suas vidas tornaram-se mulheres com excesso de peso que faziam o uso de rigorosos

espartilhos a fim de camuflar a silhueta fora dos padrões de beleza. Quanto à Elizabeth I, o uso do espartilho estava mais relacionado à questão de poder e gênero, pois a mesma continuou esbelta até o fim de sua vida.

Além das grandes monarcas, o espartilho sempre fora ligado à questão sexual e conseqüentemente às cortesãs, consideradas grandes propagadoras de estilo e liberdade nas cortes em que frequentavam. Essas mulheres em geral eram as principais usuárias da peça, como relata Hollander:

*“Eles eram usados em geral por garotas que trabalhavam nas cidades, as mesmas pessoas que hoje podem usar regularmente unhas de cinco centímetros e sapatos com salto de nove centímetros”* (HOLLANDER, 2003, p.176).

O espartilho sempre foi um grande símbolo sexual, tanto o homem como a mulher possuíam um tipo de fantasia para com a peça, no caso da mulher há certa discursão sobre o verdadeiro significado de sua relação com o espartilho, pois como os trajes femininos sempre estiveram ligados às regras impostas por uma sociedade patriarcal, especificamente no caso do espartilho segundo Hollander, ele é considerado uma peça que caracteriza a dominação masculina, pois a sua estrutura rígida fora pensada de modo de atender os novos padrões renascentistas e conseqüente uma silhueta mais esguia e de cintura firmemente marcada.

Neste período a mulher era tratada como um ser frágil e o homem deveria ser o provedor de seu bem estar. A imagem fragilizada era atribuída devido aos constantes desmaios, estes eram relacionados ao aperto do espartilho, segundo estudiosos e teóricos que eram contra o uso da peça, mas estes desmaios segundo Hollander, nada tinham a ver com o espartilho, pois a pressão das barbatanas no abdômen era razoável e o verdadeiro fator era provocado por cansaço físico ou mental.

O espartilho é tanto um fetiche feminino como masculino e as vestimentas e adornos são apenas o reflexo destes desejos e fantasias. Como Hollander cita: *“Tanto a fantasia sexual masculina como a feminina estavam relacionadas com eles; eles respondiam a uma ampla gama de necessidades imaginativas”* (Hollander, 2003, p.177).

Em 1940, a peça atingiu o status máximo de sensualidade e fetiche por conta das curvilíneas pin-ups e a influência das grandes estrelas de cinema, como Marilyn



Monroe e Rita Hayworth, assim como as performances burlescas, que permeavam as mentes masculinas, a inocência e o erotismo eram combinações que faziam parte deste universo.

Em 1970, a moda passou a ter um caráter fetichista com as criações de Jean-Paul Gaultier, que continha um visual predominado por em roupas de látex e com inspirações do universo sadomasoquista. Atualmente o fetiche e a sensualidade ainda permeiam na forma do espartilho. Mulheres como a dançarina burlesca e pin-up moderna Dita Von Teese e a corsetière Leandra Rios, mais conhecida como Madame Sher são figuras conhecidas quando o assunto é relacionado ao espartilho e fetiche.

Dita Von Teese é conhecida por suas performances burlescas regadas de sensualidade e o visual pin-up que lhe atribui à imagem de símbolo sexual assim como o uso do espartilho. Dita é a exemplificação das mulheres da década de 1940, que possuíam um ar inocente e ao mesmo tempo provocante.

Leandra Rios tem uma relação mais íntima com a peça, pois além de fascinada pelos apertados ilhoses é uma estilista especializada em espartilhos. Segundo ela em entrevista ao canal GNT, as mulheres compram suas peças com o intuito de serem mais femininas e poderosas, pois o espartilho não está mais ligado à questão de agradar apenas o sexo masculino e sim agradar a si mesma, Sher conta um pouco sobre como a peça é extremamente rigorosa e requer muita disciplina para quem busca uma silhueta definida e esguia, além de ressaltar que para fazer o uso de um espartilho a mulher deve ser desinibida, pois o espartilho é uma peça que dá um ar sensual e fetichista a quem o usa.

Madame Sher é sem dúvidas uma das maiores representantes moderna desta peça icônica, desde pequena a então Leandra Rios possuía uma espécie de adoração pela silhueta feminina, mas somente em 1998 entre pesquisas sobre espartilhos para uso próprio descobriu que não existia no Brasil peças que se assemelhassem a estrutura de um espartilho, a partir daquele momento sentiu-se determinada a ter uma peça conforme os padrões e este foi um dos motivos que a projetou como Madame Sher, por fabricar peças modernas que atende as mais exigente das mulheres, combinando alta costura e elegância.

Suas amarras tanto causaram dor como fascínio, foram fundamentais durante séculos na moda, vida e pensamentos femininos, fora utilizado desde grandes

monarcas à cortesãs e o mesmo nunca deixou de ser um objeto de dominação e sedução masculina.



Imagem 03: Dita Von Teese e Madame Sher.

Fonte: [www.madamesher.com](http://www.madamesher.com)

#### REFERÊNCIAS:

CALANCA, Daniela. **História social da Moda**. São Paulo: Editora Senac, 2008.

DITA VON TEESE. Site Oficial. 2013. Disponível em: < [www.dita.net](http://www.dita.net) >. Acesso em 22 de Abril de 2013.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**. 1º edição. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2001

HOLLANDER, Anne. **O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno**. 1º Edição. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2003.

KÖHLER, Carl. **História do vestuário**. 2.Ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

LAVIER, James. **A roupa e a moda: uma história concisa**. 3º edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MADAME SHER. Site oficial. 2004. Disponível em: < [www.madamesher.com](http://www.madamesher.com) >. Acesso em 17 de Abril de 2013.

MUSEUM OF LONDON. Site oficial. 2011. Disponível em: <[www.museumoflondon.org.uk](http://www.museumoflondon.org.uk)>. Acesso em 23 de Abril de 2013.

SABINO, Marco. **O dicionário da Moda**. 1º edição. São Paulo: Editora Campus, 2006.

VICTORIA AND ALBERT. Site oficial. 2013. Disponível em: < [www.vam.ac.uk](http://www.vam.ac.uk) >. Acesso em 23 de Abril de 2013.

MACKENZIE, Mairi. **Ismos-Para entender a moda**. 1º edição. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2011.